

## SALDANHA DA GAMA

Lida em Campo Osório a 10 de Abril de 1946

OLIVEIRA BELLO

O seu nome e a sua memória evocam sempre a época mais vibrante do regime republicano nacional. O seu nobre e impoluto caráter, rígido e leal, lembra, sem ênfase, o dos celebrados varões de Plutarco. A sua personalidade viril, culta, dedicada exclusivamente à profissão, devotada à classe e extremada pela Nação, que defendera com sinceridade, inteligência, bravura e desprendimento da vida, através das tôrvas crises políticas e morais que a têm perturbado, constitue, sem dúvida um elevado exemplo, um precioso estímulo e uma excelente norma a seguir, para bem servir à Pátria.

Sem ser perfeito foi um homem completo. Robustez, beleza, porte elegante, talento, competência profissional, esmerada educação, polimorfa cultura, coragem e bravura, senso de brasilidade, pronunciado e sã espírito militar, elevada moral, espírito artístico e moderadamente sentimental, tudo isso o fez possuidor de um raro complexo de qualidades, atributos e virtudes, que sabia aplicar apropriadamente, resguardando as linhas primaciais do seu caráter. A sua vida profissional foi um livro aberto para a Marinha que, bem cedo, começou a conhecê-la, desde quando Saldanha da Gama, em seus verdes dezoito anos de idade e no primeiro do seu oficialato, se destacara no cêrco, combate e tomada de Paissandú, onde, sob o comando do heróico Mariz e Barros, sagrou-se um destemido e um bravo. Em seguida acompanhou a sua eficaz e aguerrida ação, nas san-



grentas águas do Paraguai, em vários prélios, em um dos quais foi ferido e revelou-se herói.

Mais tarde vibrou com os louros que êle marecidamente colheu nas diversas e importantes comissões que desempenhou, no país e no estrangeiro, e nas quais evidenciou, em alta escala, as suas aptidões profissionais e culturais. E, por fim, estremeceu de pesar quando teve conhecimento da sua trágica e heróica morte, que muito pranteou e ainda sente, restando-lhe o confôrto de que a perdeu, lutando por uma justa causa e em holocausto à Pátria, que tanto amava.

Não há na sua afanosa vida, reflexos de ambição, cobiça, interêsses e felonias. Mas, há insofismáveis provas de simplicidade, elegância de gestos, nobreza de atitudes, desprendimento de posições, renúncia de interêsses, lealdade, sinceridade, abnegação de sacrifícios e ausência de ódios. E, o que mais êle apreciava nos homens era, tão somente, um sólido e nobre caráter e um bom coração, semelhantes aos seus, porquanto sabia o quanto custava mantê-los íntegros no turbilhão das vaidades, competições e interêsses da vida geral. Também lhe eram caros e apreciados o respeito à verdade, o zêlo pelo cumprimento dos compromissos e o valor da palavra, expressa ou escrita.

Vivia mais do próprio juízo, fruto de sua boa consciência, da sã moral e dos princípios religiosos da sua esmerada educação, que filtrava serenamente, do que do falaz conceito dos homens, aturdidos de paixões e interêsses. Era um perspicaz observador, retraído e meditador, que intuía com facilidade e lucidez, e concluía com precisão, exprimindo-se com estilo, síntese e clareza.

Poliglota e alicerçado em variada cultura, em selecionados meios que bem o compreendiam, difundia, com propriedade e discrição, seus diversos conhecimentos profissionais, científicos, históricos e filosóficos, sempre em linguagem simples e escorreita.

Imbuído de verdadeiro espírito militar, julgava que a finalidade precípua de todo militar se confinava na defesa da dignidade, soberania e integridade da Pátria, caben-



do-lhe, também; garantir o sistema do regime político, o governo legalmente constituído e a ordem pública, respeitando as leis e as boas tradições e acatando as autoridades legais. E, fiel a êstes princípios, durante trinta anos sucessivos, concientemente os respeitou e por êles norteou a sua vida profissional e militar, desviando-se dêles sòmente, em dezembro de 1893, quando por determinadas razões, aderiu à Revolta da Armada.

Apolítico que sempre fôra, servira ao Império com lealdade, nobreza e dignidade, e respeitava o Imperador com o merecido acatamento devido às suas inegáveis virtudes e predicados, e sábia ação política. Nunca o lisonjeara nem o cortejara, e tão pouco lhe hipotecara apóio. E ao regime, jamais se extremara em defendê-lo, embora o acatasse e a êle servisse como lhe cumpria fazer, conservando-se, sempre, alheio à política militante.

\*

\*

\*

Obra humana, que era, não poderia ser perfeito. Teria que errar e foi o que lhe sucedeu, quando aderiu à Revolta da Armada, depois de haver permanecido neutro, durante três meses. Certas razões, que considerava nobres, justas, patrióticas e imperativas, o compeliram a dar tal passo, embora tardiamente. Não poderia assistir inerte ao aniquilamento da Esquadra, com a derrota da Revolta, que percebia iminente. Sem ambições e ódios, resolveu partilhar de sua sorte e tentar ainda salvá-la, auxiliando-a com os escassos elementos de que ainda dispunha e o seu incontável prestígio moral.

Mas subpretícios desentendimentos, entre os revolucionários dos setores do sul, obrigaram o seu abandono na baía de Guanabara à frente daquêles elementos, para resistir à Esquadra Legal, recém-organizada. E, na iminência de ser vencido e cair nas mãos do vencedor, que bem poderia o não respeitar e, até mesmo, lhe não poupar a vida, resolveu, sem capitular, abandonar aquela sede, apenas com os seus fiéis comandados, e rumar para o Sul, com o nobre



intuito de acautelar o destino dêstes e isentá-los do rancor dos seus adversários.

E foi o que fez, conforme lhe permitiram as novas circunstâncias tão cheias de perturbações. Já desligado dos compromissos com os revoltosos da Armada, ao fim de alguns meses, acabou aceitando a chefia do movimento revolucionário, operante no Rio Grande, dêse fevereiro de 1893, que vinham tenazmente combatendo um regime positivista-ditatorial, aí violentamente exectuado e auxiliado pelo govêrno federal, a fim de substituí-lo por outro, liberal e ainda republicano, porém parlamentar.

Reorganizou aquêles revolucionários, levou-os novamente à luta, travou vários combates, em alguns dos quais saiu vencedor, porém, acabou caindo numa horrenda cilada, onde depois de haver lutado heroicamente, foi ferido, vencido, morto e seu corpo ultrajado por cruento inimigo.

E, assim, acabou, trágicamente, a vida do Almirante Saldanha da Gama que, fiel ao seu nobre carater, procurou cumprir os seus pesados compromissos e, acima dêles, o sublime juramento de "lutar até à morte", batendo-se por um justo ideal e impellido tão sòmente por acendrado amor à Pátria.

Foi um homem excepcional, na sua raça e na sua época, um grande marinheiro, um bravo e um herói, e finalmente, um elevado expoente de moral e de cultura, que honrou, sobremodo, a Pátria, e soube morrer.

Homenageemo-lo, com sincero respeito, conforme merece, e perdoemos os seus inimigos e adversários. Hoje, com a póstuma gratidão da História, que não falha, embora possa vir tardia, e sobrepara às paixões dos homens, Saldanha da Gama, na expressiva data do seu centenário, figura, com justiça e honra, entre a dúzia dos grandes brasileiros e ao lado dos liberais, que foram José Bonifácio, Tiradentes, Caxias, Tamandaré, Osório, Mauá, Benjamin Constant e Rio Branco, expoentes máximos da raça. Glória à sua heróica memória.